



XVIII ENANPUR
NATAL2019
27 a 31 maio

ENTRE RISCOS E INCERTEZAS: O DESENVOLVIMENTO NO JALAPÃO E A METAMORFOSE DE UMA REGIÃO ECOLÓGICA

Autores:

Cleiton Silva Ferreira Milagres - UFT - cleiton.milagres@uft.edu.br

Roseni Aparecida de Moura - UFT - roseni.moura@uft.edu.br

Temis Parente - UFT - temiss@uft.edu.br

Waldecy Rodrigues - UFT - waldec@terra.com.br

Resumo:

Neste artigo apresentamos o Jalapão, região do estado do Tocantins e a sua relação com as características de uma identidade construída nos discursos de uma região predominantemente ecológica. A categoria de um território imaginado atribuída ao lugar em que vivem os atores sociais protagonistas deste contexto é apresentada no referencial conceitual deste trabalho. O objetivo foi refletir sobre a criação e trajetória de uma região ecológica e como os atores sociais lidam com este processo de desenvolvimento frente aos inúmeros dilemas que a região apresenta. Metodologicamente, foi realizada uma análise documental e uso de dados secundários para a caracterização da região e, posteriormente, entrevistas com representantes do poder público, sociedade civil e mercado local, além da observação participante. A análise apontou que não há um reconhecimento pelos diversos atores que estão presentes na região do Jalapão sobre uma preocupação consigo mesmo, frente as transformações ambientais. Nota-se, também, que há uma dificuldade em perceber o “lugar” Jalapão para além do aspecto ecológico, em que pessoas possam participar ativamente da tomada de decisão coletiva em prol de seus anseios e necessidades, buscando um desenvolvimento que seja de fato regional.

ENTRE RISCOS E INCERTEZAS: O DESENVOLVIMENTO NO JALAPÃO E A METAMORFOSE DE UMA REGIÃO ECOLÓGICA

1. Introdução

Neste artigo apresenta-se o Jalapão e as características de uma identidade cultural construída nos discursos de uma região predominantemente ecológica, com áreas de preservação e conservação instituídas pelos governos federal, estadual e municipal, localizado na região leste do estado do Tocantins. O estudo tem por objetivo provocar uma reflexão sobre a criação e trajetória dessa região e como as pessoas lidam com este processo de desenvolvimento frente aos inúmeros dilemas existentes.

A construção da questão problema que orientou o arcabouço teórico deste trabalho foi pensada conjuntamente com outras categorias analíticas que, incorporadas durante as leituras dos textos nas disciplinas do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional da UFT, contribuíram para a construção do artigo.

Existem inúmeros estudos acerca do Jalapão e em diversas áreas do conhecimento como apresentaremos na revisão de literatura. Entretanto, estudos que abrangem uma outra configuração social quando se verifica o processo endógeno que envolve estratégias ecológicas em consonância com estratégias socioeconômicas, e o diálogo entre o poder público e a participação da sociedade civil no que diz respeito aos dilemas do desenvolvimento de uma região é o que pretendemos provocar enquanto reflexão neste artigo.

Para além dos aspectos físicos, biológicos, edáficos e socioeconômicos que interferem o desenvolvimento regional, e à luz da questão da identidade apresentada por Stuart Hall (2005), que pretende-se verificar se há a ideia de uma cultura unificada em torno do Jalapão, e ainda compreender de que forma se estabelece a identificação simbólica dos atores sociais como pertencentes desta mesma cultura regional.

Acredita-se que, ao possibilitar que os atores sociais residentes na área possam gerar informações para os dilemas enfrentados no Jalapão, ainda que num conjunto de complexidade e incertezas, essas pessoas poderão ser compreendidas por meio de um processo endógeno que possibilite entender que desenvolvimento elas almejam para a região. Além disso, é preciso compreender como a questão ambiental vem sendo problematizada no desenvolvimento de áreas que envolvem regiões ecológicas e, ao mesmo tempo, de grande importância econômica.

O artigo está estruturado em mais 6 seções, além dessa introdução. Na seção seguinte apresenta-se uma revisão de literatura das dissertações e teses que abordam a região do Jalapão. A terceira sessão traz os procedimentos metodológicos. Em seguida apresenta-se uma caracterização do Jalapão e os dados secundários obtidos na pesquisa. A sexta seção apresenta uma perspectiva quanto à identidade cultural criada no discurso de uma região ecológica e os dilemas percebidos pelas pessoas que ali habitam e, por fim, algumas considerações finais.

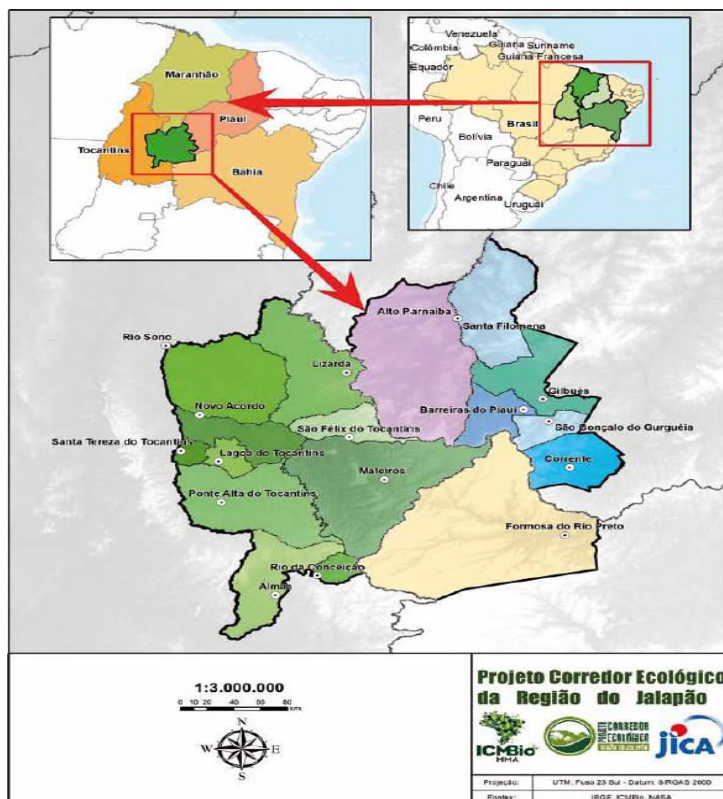
2. Procedimentos Metodológicos

Com o intuito de dar maior especificidade ao estudo, fez-se um levantamento prévio dos ativos ambientais existentes na região e verificou-se que, dentre os 17 municípios que compõem o Jalapão (FIGURA 1), a cidade de Mateiros, no estado do Tocantins, possui o maior número de ativos ambientais explorados. Além disso, o município está imerso em diversas áreas de proteção e preservação ambiental, o que nos fez optar pela escolha deste município para fazer o estudo.

Apesar da caracterização edáfico biológicas semelhante entre os municípios que compõe o chamado corredor ecológico¹ do Jalapão (ICMBIO, 2013), a região composta por 17 municípios, abrange não só o Tocantins, mas também os estados do Piauí, Maranhão e Bahia (Figura 3), reforça a preservação dos ecossistemas naturais, unindo as Unidades de Conservação para promover a integração entre as unidades e a população local e, assim, incentivar as alternativas de desenvolvimento sustentável na região do Jalapão (ICMBIO, 2018).

¹ O Corredor Ecológico é uma estratégia fundamental para evitar os prejuízos ecológicos proporcionados pelo isolamento das áreas naturais protegidas em meio à malha urbana e rural e garantir a efetividade das unidades de conservação na preservação dos recursos naturais e da biodiversidade em longo prazo (site do ICMBio).

Figura 1 – Mapa da Região do Jalapão - Corredor ecológico



Fonte: Atlas do Mosaico do Jalapão, 2017.

Deste modo, entende-se o Jalapão como uma área formada por 17 municípios que compõem o corredor ecológico, abrangendo 9 (nove) unidades de conservação e as áreas estratégicas que limitam essas unidades, além das áreas protegidas das comunidades quilombolas.

Metodologicamente, foi realizado uma análise documental (leis, decretos e portarias, atlas do mosaico) sobre a região do Jalapão, levantamento de dados secundários para a caracterização da região e, posteriormente, entrevistas.

A coleta de dados por entrevista segundo Quivy (2005, p. 69) tem “como função principal revelar determinados aspectos do fenômeno estudado em que o investigador não teria espontaneamente pensado por si mesmo e, assim, completar as pistas de trabalho sugeridas pelas leituras”. Foram escolhidos três representantes chave para este artigo: 1 representante do poder público; 1 representante da sociedade civil e 1 representante do comércio local. Por se tratar de sigilo, utilizamos os nomes de aves do cerrado brasileiro que vivem na região do Jalapão: Canindé (Sociedade Civil), Bandoleta (Poder Público) e Soldadinho (Comércio Local).

Para a elaboração desta revisão de literatura optamos por elaborar um protocolo de análise estabelecido em dois passos: Primeiro, a escolha de um banco de dados bruto e, posteriormente, a utilização de um filtro para a análise. O banco de dados escolhido foi o Catálogo de Teses e Dissertações

da CAPES/MEC que possui trabalhos defendidos no nível de mestrado e doutorado em programas de pós-graduação do país e possibilita o acesso as informações geradas nesses estudos.

Por meio do catálogo é possível efetuar a pesquisa nos seguintes campos: por autor, título, instituição, nível, ano de defesa, resumo, palavras-chave, biblioteca, linha de pesquisa, área de conhecimento, programa e agência financiadora (CAPES, 2018). No caso desta revisão, a palavra chave de busca definida para mapear os estudos de mestrado e doutorado no Brasil foi “**Jalapão**”, em todos os campos.

A consulta resultou em 61 trabalhos em sua totalidade, datados no período entre 2005 a 2018. A fase seguinte culminou na leitura de todos os resumos/abstract com a finalidade de compreender o que se tem pesquisado nesta região e a que remete os resultados a que essas pesquisas chegaram, considerando, no entanto, as distintas áreas de conhecimento. A seção seguinte do artigo, apresenta-se o estado da arte criado sobre o Jalapão.

3. “Não existe um jalapão, existem vários Jalapões”: as multifaces de uma área ecológica

Grande parte dos estudos sobre o Jalapão estão concentrados nas instituições de Ensino Superior - IES da região Centro-Oeste, Sudeste e Norte, respectivamente. No entanto, se estratificarmos esse resultado a grande maioria dos trabalhos de pesquisa são da Universidade de Brasília - UNB, com 16 trabalhos, seguidos da Universidade Federal do Tocantins - UFT com 15 trabalhos e Universidade de São Paulo - USP com 6 trabalhos, como demonstramos a seguir:

Quadro 2 – Quantidade de pesquisas no Jalapão por Estado/Instituição

| Estado | Instituição de Ensino Superior | Número de trabalho por instituição | Total por Estado |
|-------------------|--------------------------------|------------------------------------|------------------|
| Rio Grande do Sul | UFRGS | 1 | 1 |
| São Paulo | USP | 6 | 15 |
| | ANHEMBI | 1 | |
| | UNESP | 3 | |
| | MACKENZIE | 1 | |
| | UNICAMP | 2 | |
| | PUC | 1 | |
| | INPE | 1 | |
| Minas Gerais | UFV | 2 | 4 |
| | UFOP | 1 | |
| | UFMG | 1 | |
| Rio de Janeiro | UFRRJ | 1 | 1 |
| Brasília | UNB | 16 | 19 |
| | UCB | 3 | |

| | | | |
|---------------------|---------|-----------|-----------|
| Mato Grosso do Sul | UCDB | 1 | 1 |
| Goiás | PUC | 1 | 3 |
| | UNIALFA | 1 | |
| | UFG | 1 | |
| Pernambuco | UFRPE | 1 | 1 |
| Rio Grande do Norte | UFRGN | 1 | 1 |
| Tocantins | UFT | 15 | 15 |
| TOTAL | - | 61 | 61 |

Fonte: Elaborado pelos autores, 2018.

Os resultados mostraram também que um número significativo de produções está concentrado nas grandes áreas das ciências biológicas (27,7%), seguido por humanas e multidisciplinar (19,7% cada) e sociais aplicadas (18,1%). Outras áreas tiveram também publicações, porém com incidência de menos de 5% dos trabalhos.

Com base nos dados levantados e nas leituras dos resumos apresentamos a seguir algumas abordagens defendidas nos estudos sobre o Jalapão. A temática biológica, como mencionado anteriormente, tem sido o maior destaque nos trabalhos para a região. Os estudos de Rezende (2007) Watanabe (2009), Faria Junior (2010), Chacon (2011), Viana (2013), Viana (2015) e Silva (2016) de alguma forma estabeleceram diálogos que se inter-relacionavam entre si, devido não só a área de botânica, mas por abranger levantamentos florísticos em suas análises, principalmente no que se referia ao *Syngonanthus nitens*, espécie utilizada no artesanato, conhecida como capim dourado. Os estudos de Schmidt (2005), por exemplo, são referências nessa região e abordam a etnobotânica e a ecologia populacional dessa espécie no Jalapão. Vale ressaltar que o capim é a principal matéria prima para a confecção dos artesanatos, haja vista o poder simbólico que o vegetal proporcionou em termos identitários para todo o Estado do Tocantins.

Ainda atrelado ao capim dourado, mas abordando a lógica socioeconômica que este possui, o trabalho de Alves (2008) ressalta a sustentabilidade da exploração do capim dourado a partir da percepção da comunidade. Aprofundando ainda na temática Sousa (2010) analisou o artesanato como renda, tradição e possibilidades de desenvolvimento local para a comunidade quilombola do Mumbuca². Já Caracristi (2016) reforçou a problemática que envolveu a legitimidade de uma comunidade quilombola na disputa pelo seu território e, conseqüentemente, na comercialização do capim dourado.

Sobre os entraves e desafios do território quilombola, Fredrych (2009) chamou a atenção para o fato do parque estadual criado estar em conflito com a área protegida quilombola. Já Belas (2012) enfatizou a importância da indicação geográfica e a salvaguarda do patrimônio cultural que o artesanato

² Sobre a comunidade Mumbuca

de capim dourado proporciona para a região. Assim como os estudos de Silva (2018) que averiguou a indicação de procedência dos artesanatos com vistas a gestão e conservação do vegetal e ao resultado que não há uma apropriação da indicação de procedência por parte dos artesãos em razão da não participação dos mesmos na construção desse registro e a não apropriação da entidade representativa criada para titular a indicação, como afirmou a autora.

Já Carvalho (2014) analisou a construção social do mercado artesanal do capim dourado e reforçou que o distanciamento dos sujeitos que lidam com a matéria prima daqueles que a comercializam são um entrave para o processo econômico do artesanato na região. Atrelado a isso, Sousa (2012) verificou que o papel das mulheres e a questão do gênero nas associações de artesanato e o empoderamento dos sujeitos podem ser um fator para promover o desenvolvimento local e que este dilema carece de mais estudos aprofundados.

O trabalho de Senna (2016) enfatizou que houve um incremento do índice de qualidade de vida (IQV) após o estabelecimento do turismo na região, principalmente relacionado a produção das peças de artesanato oriundas do capim dourado. Segundo a autora, ainda que se note uma elevação do índice, o mesmo ainda permanece baixo e não satisfatório para o Jalapão.

Outros dilemas estão relacionados a questão agrícola, notoriamente identificados com a grande expansão da agricultura de alta tecnologia nas proximidades e ao redor das áreas de preservação permanente, como abordou os estudos de Nunes (2008) e, especificamente, a degradação ambiental em Cunha (2005).

Atrelado a essa dinâmica do agronegócio, Mandujano (2013) analisou os processos organizacionais, as estratégias de resistência e os modos de vida das organizações agroextrativistas na região e apresentou a problemática da falta de acompanhamento e análise dos resultados de apoios governamentais e não governamentais, bem como a falta de projetos estruturados de conservação ambiental.

Outra questão relacionada a organização produtiva foi o trabalho de Parana (2014) que verificou a cadeia produtiva do mel, enfatizando a potencialidade deste para produção e comercialização e, ressaltou a importância de políticas públicas para subsidiar a inserção deste numa escala maior.

Os trabalhos de Senna (2008), Benvindo (2009), Fonseca (2011), Dutra (2016), abordaram a temática do turismo e a importância econômica deste para o desenvolvimento econômico da região do Jalapão. Senna (2008) analisou a temática do turismo por meio da representação social dos guias/condutores como influenciadores da prática ecoturista na região e afirmou a importância da

organização para o setor. Já Benvindo (2009) esclareceu acerca da importância dos instrumentos de regulamentação da política de proteção ambiental para o planejamento do ecoturismo no Jalapão. Dutra (2016) priorizou a utilização de indicadores locais a partir da avaliação e quantificação do turismo e concluiu que a análise desses indicadores são instrumentos que viabilizam não só a compreensão e o fortalecimento da noção de sustentabilidade, mas também o planejamento de um turismo sustentável.

Outra bibliografia recorrente ao Jalapão está relacionada ao dilema do fogo. Os trabalhos de Figueiredo (2007), Silva (2015), Antar (2015) e Lindoso (2014) trataram do efeito do fogo na maior área contínua conservada do bioma cerrado. A região do Jalapão foi caracterizada como um domínio fitogeográfico tipicamente savânico, com altos valores de diversidade e endemismo e com uma grande pressão antrópica associada (ANTAR, 2015). Diante desse panorama, o fogo se apresenta como um grande vilão, uma vez que as áreas de queimadas são extensas, moldam a paisagem e podem impactar no ciclo do carbono e nas alterações climáticas (Silva, 2015). Entretanto, a questão da queima não está somente relacionada a produção, o fogo é parte da cultura local e muito utilizado pelas comunidades tradicionais.

Assim, num contexto de unidades de conservação da biodiversidade e de caminhos para a inovação institucional, Lindoso (2014) analisou o manejo integrado do fogo numa situação de conflito posto pela sobreposição de áreas de proteção integral em áreas de comunidades tradicionais, e apresentou em seus estudos as nuances em torno de um termo de compromisso criado para normatizar a relação com a comunidade e a unidade de conservação, à luz da teoria de Elinor Ostrom sobre os recursos de uso comum.

Os estudos nessa região são diversos, multidisciplinares e carecem de uma análise mais aprofundada que relacione os dilemas com as possibilidades de desenvolvimento regional para o Jalapão, que não exclua a potencialidade ambiental que essa região possui, nem tão pouco, as características socioeconômicas do local, porém, pensadas a partir dos atores locais que foram afetados pela criação dessa região predominantemente reconhecida não só como ecológica, mas também de expansão agrícola e turística.

4. Um território real e imaginado: a construção de uma identidade cultural no discurso de uma região predominantemente ecológica

As culturas nacionais constituem uma das principais fontes de identidade cultural, que não estão impressas em nossos genes, mas que são formadas e transformadas no interior da representação social

(Hall, 2005). A formação de uma cultura nacional contribuiu para criar padrões universais, homogêneos e instituições culturais nacionais, mas também de símbolos e representações, que ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, tornaram-se produtoras de identidades (Hall, 2005). Ou seja, a construção da identidade é tanto simbólica quanto social (WOODWARD, 2000).

As imagens construídas pelas histórias contidas nas nações são diversas e se distinguem na forma como são imaginadas, isto é, “a construção das identidades culturais são representações sociais de pertencimento a uma mesma grande família nacional, concretizadas por dispositivos discursivos que representam as diferenças como unidade ou como identidade” (MORAES, 2006, p.16).

Anderson (1983) *apud* Woodward (2000) esclarece que a comunidade imaginada é utilizada para desenvolver o argumento de que a identidade nacional é inteiramente dependente da ideia que fazemos dela e que as diferenças entre as diversas identidades nacionais é que reside, portanto, as diferentes formas pelas quais são imaginadas. No mundo hodierno, pensar a realidade brasileira como nação é imaginá-la como pertencente a uma identidade nacional, no entanto, “como não conhecemos todas as pessoas que partilham da nossa identidade nacional, devemos ter uma ideia partilhada sobre aquilo que a constitui” (Woodward, 2000, p. 24) e ainda das representações que dominam as identidades partilhadas em seu interior, como o que se pretende analisar neste artigo acerca do Jalapão e, especificamente, da realidade no município de Mateiros.

Comparada à ideia de uma cultura nacional, o Jalapão construiu também um sentido em torno de como os sujeitos se relacionam com a natureza, especificamente com o corredor ecológico, que perpassa pela maioria dos municípios que compõem esse território criado. Notoriamente as áreas de preservação e conservação ambiental são um referencial social para a população, possuindo ligação direta nas discussões que se referem ao desenvolvimento da região.

A formação de uma política de abordagem territorial no Jalapão tomou como base o discurso das características desta ser uma região predominantemente ecológica, que deu origem ao corredor ecológico e, conseqüentemente, ao território constituído. No entanto, pesquisar e reconhecer a representação que se tem desse território criado e a sua identidade permite-nos compreendê-lo como um processo cultural, pois, “os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (Woodward, 2000, p.17).

Com base no corredor ecológico, criou-se o Mosaico do Jalapão, um conjunto de “unidades de conservação de categorias diferentes ou não, próximas, justapostas ou sobrepostas, e outras áreas

protegidas públicas ou privadas, cuja gestão deve ser feita de maneira conjunta e integrada” (ICMBIO, 2018).

O Mosaico do Jalapão foi instituído pela portaria nº 434 de 29 de setembro de 2016 pelo Ministério do Meio Ambiente e publicado no DOU em 30/09/2016 é formado por diferentes instituições, como: representação governamental (por meio dos gestores das unidades de conservação federal e estadual integrantes do Mosaico, poder público dos municípios situados na área de abrangência que tenham unidade de conservação municipal e representante de instituição de ensino e pesquisa que atuam no território do mosaico); e representação não governamental (Ong socioambiental, OSCIP- Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, que atua na região do mosaico e representante de RPPN - *Reserva Particular do Patrimônio Natural* e representante do turismo).

O Mosaico do Jalapão formado possibilitou criar uma estrutura organizacional chamada de Conselho, que ao produzir sentidos sobre o território permite dar voz aos integrantes da sociedade civil e do poder público local, tornando-os produtores de uma identidade territorial padrão e homogênea, comum a todos os mosaicos criados pelo Brasil.

Para Hall (2005) uma cultura nacional é também uma estrutura de poder e que esta tem a capacidade de determinar a identidade. Ora, esta imposição de instituir um “Território” como política pública tem forte ligação com o papel do estado-nação em criar uma estratégia na construção de um senso comum para o pertencimento a uma identidade e que, a representação desta, seja identificada perante a ação do conselho. Eis que surge a questão: *Mas que estratégias representacionais são acionadas para construir o senso comum sobre o pertencimento ou sobre a identidade nacional em um Mosaico e, especificamente, do Jalapão?*

Percebe-se que ainda não há um senso comum de pertencimento ou de identificação dos diversos atores locais com o Mosaico do Jalapão. Pelo menos quando a análise se refere ao enfoque territorial e ao pertencimento das pessoas com as diversas instituições existentes. O que se percebe no caso do Mosaico do Jalapão é que não há um consenso entre a comunidade local que envolve o município de Mateiro sobre o que é de fato este território criado, e quais as tramas sociais que envolvem a institucionalização do mosaico. Não há um pertencimento destes com a formação do Mosaico. Inclusive, não existem canais de comunicação que possibilitem ao público externo, que não são representantes de organizações da sociedade civil, não estão envolvidos nos conselhos das unidades de conservação, obter informações sobre as decisões deliberadas/consultadas pelo conselho e ainda estabelecer com este uma identificação com a região do Jalapão.

Algumas pessoas sabem da existência do Mosaico devido a eventos realizados e promovidos pelo mesmo, mas não porque possuem uma identificação com a representação deste e sua funcionalidade para a região do Jalapão. Em realidade, as pessoas afirmam que nem os conselhos das áreas de preservação e conservação funcionam como deveriam a ponto de promover momentos de discussão de políticas públicas que trazem algum benefício para os diferentes atores que residem na área do Mosaico.

Pode-se inferir, portanto, que ao estabelecer políticas territoriais para o Mosaico do Jalapão, o Ministério do Meio Ambiente estabeleceu a ideia deste como uma “nação”, com uma identidade cultural unificada e padronizada. No entanto, cada território possui características locais distintas, o que contribui para o entendimento das identidades nacionais estarem se ‘deslocando’ também nas regiões onde a política é executada, uma vez que a ênfase nas origens desses territórios é uma criação, ou seja, trata-se de um “território imaginado”, “inventado” por uma política pública, mas que não possui uma identidade cultural que o define.

Assim, como a comunidade imaginada de Woodward (2000), o “território imaginado” é utilizado para desenvolver o argumento de que o Jalapão é inteiramente dependente da ideia que fazemos dele, como nos inúmeros mosaicos existentes no Brasil, e que as diferenças entre um território e outro, reside, portanto, nas diferentes formas pelos quais são imaginados.

A criação do Jalapão ser formado por 17 municípios, de certa forma, apresenta que esta “nação” a qual chamamos de Mosaico do Jalapão nada mais é que um “produto construído”, que envolveu o poder público local e a sociedade civil, mas elaborado de forma participativa, porém assistida. Por sua vez, até chegar a sua construção, o período antes mosaico possibilitou obter recursos de agências estrangeiras e a contribuir no acesso a obtenção de recursos financeiros para promover a área preservada e a conservada, mas não possibilitou o reconhecimento e pertencimento dos diversos atores locais, pois não compreendem a lógica que se estabelece sobre o “novo” lugar que a categoria território/mosaico oferece à sociedade civil.

O sujeito presente no Jalapão não pode ser interpretado como um ser fixo e que possui uma identidade única, mas com características pluriativas, que envolvem categorias distintas: agricultura familiar, ribeirinhos, pescadores, mulheres, jovens, empreendedores individuais, empresários do agronegócio e demais membros da sociedade. A política de identidade concentra-se em afirmar a identidade cultural das pessoas que pertencem a determinado grupo, o que torna um fator importante de mobilização política (WOODWARD, 2000), no entanto é preciso perceber as diferenças e alinhá-las para além de uma região predominantemente ecológica. Ou seja, é preciso combater as desigualdades,

privilegiar uma mirada humanista e inovadora, mas centrada nas pessoas reais, em suas necessidades e anseios primordiais (SEN E KLIKSBERG, 2010).

Na seção seguinte demonstramos os dilemas apontados pelos entrevistados que residem no município de Mateiros, Jalapão.

4.1. Os dilemas do Meio ambiente: “se a gente vê o Jalapão como região ecológica só o verde (...) o desenvolvimento nunca vai chegar”.

A questão do desenvolvimento regional no Jalapão não é um tema novo frente aos inúmeros projetos políticos de desenvolvimento econômico elaborados e executados em diversas áreas da região.

Além disso, destaca-se o grande número de instituições formais e informais criadas em torno da temática ambiental nesta região. A primeira problemática reflexiva envolve a delimitação em compreender essa região: De qual Jalapão estamos falando? Que região é essa? Como a questão ambiental vem sendo tratada e problematizada no desenvolvimento dessa região? E o que pensam as pessoas?

Essas questões são temas de pesquisa que insere num debate acadêmico atual, pois conduz para uma abordagem multidimensional e interdisciplinar sobre o desenvolvimento regional em áreas ecológicas e com um grande número de ativos ambientais em áreas de preservação e conservação ambiental sendo explorados pelo turismo ao mesmo tempo que estes atrativos estão rodeados pelo agronegócio.

Apesar dos relatos de que as decisões são tomadas de maneira participativa em virtude dos inúmeros conselhos existentes por conta da região ecológica, nem sempre é fácil fazer com que todos sejam chamados a opinar. Apresentamos a seguir os dilemas enfrentados para que essa região predominantemente ecológica se desenvolva.

A região apresenta inúmeras potencialidades por conta de sua biodiversidade, com recursos naturais que chamam a atenção de ambientalistas e estudiosos das áreas naturais. Para um dos informantes no Jalapão só se fala em meio ambiente

“porque tudo gira em torno da ecologia aqui, as plantas, os animais, embora infelizmente né, tem caçador clandestino demais, mais ainda é um local que você ainda tem a felicidade de tá andando e encontrar um veadozinho né, encontrar um tamanduá... Olha aí ó, viu? Isso é bom demais, uma ema carregada de filhotinho,

isso é tudo de bom! Olha, quem mora em São Paulo quando teria isso. Aqui é uma maravilha, nessa água transparente, aquela beleza daquele encontro das águas lá no Fervedouro, gente aquilo ali é tão lindo, as pessoas viajam tanto pra ver!” (Entrevistado Soldadinho).

Percebe-se pelo trecho apresentando que há por parte do entrevistado um reconhecimento e valorização das questões ambientais. Entretanto, outros informantes ressaltam que a preservação e a conservação necessitam estar alinhada ao perfil social das pessoas que habitam esse território chamado de Jalapão.

“o Jalapão tem que servir só a título de conservação ambiental e de turismo, como se não existisse povo aqui, que não existisse vida aqui. Uma das minhas brigas né, e discussões que eu falo e não tenho medo de falar é isso: O Jalapão não pode ser visto a partir do turismo, mais infelizmente esse é o etos que impera né, só através do... Às vezes não olha pra necessidade da população, sobretudo em relação ao jovem, ao trabalho, a dinâmica do trabalho, tem muita gente que tem muita potencialidade, que tem como crescer aqui, (...). Então há um êxodo dos jovens né, justamente por conta disso e aí se vê o Jalapão só como turismo”. (Entrevistado Canindé).

Para o entrevistado Canindé a vida no Jalapão se resume a região ecológica e a exploração turística. Esta questão pontuada pelo entrevistado Canindé é interessante já que como garante Sen (2000) as pessoas devem ser agentes de desenvolvimento e não se desconecta as questões ambientais, das sociais, econômicas, políticas.

Sawyer (2013) pontua que estas áreas de conservação ambiental devem servir como instrumento de desenvolvimento sustentável pela capacidade que possuem de envolver as comunidades nos mecanismos de gestão dos usos e dos recursos naturais, e sistêmica, combinando dimensões econômicas, sociais e ambientais com vista à exploração de recursos naturais. A perspectiva de desenvolvimento envolve processos articulados que visam introduzir mudanças socioeconômicas e ambientais no âmbito dos espaços rurais, com vista a melhoria de renda, qualidade de vida e bem-estar das populações. Ou seja, ampliação permanente das liberdades substantivas (acesso à educação, saúde, segurança e direitos civis) dos indivíduos e articulação entre meio ambiente, estruturas sociais e institucionais, e assim ampliando suas capacidades e suas efetivações. (SEN, 2000; FAVARETO, 2007; SCHNEIDER, 2011).

Essa questão de proximidade do turismo com o meio e ambiente e do Jalapão ser entendido como uma região ecológica se deve muito ao próprio município de Mateiros onde grande parte dos atrativos abertos à visitação estarem situados na cidade. Para um dos entrevistados,

“eu me refiro muito ao turismo porque não tem como você trabalhar o turismo sem o meio ambiente né, o município de Mateiros particularmente ele tá 80% inserido dentro de unidade de conservação, então todos os atrativos que você vai vê, eles tão dentro de uma unidade de conservação, desde que seja uma unidade integral ou sustentável, entendeu?” (Entrevistado Bandoleta).

Considerando a realidade empírica estudada, o desenvolvimento pode se materializar também pelas ações na racionalização dos usos dos recursos naturais. Ainda mais se consideramos que as relações sociais construídas através dos arranjos coletivos estão cada vez mais atreladas às questões de proteção ambiental, a exemplo da realidade retratada aqui neste trabalho. Assim, faz-se necessário diferentes alternativas de renda, possibilidade de manutenção da população nesta região, bem como, uma multifuncionalidade referente aos usos conjugada com a valorização da questão ambiental, conclui-se que estas realidades estão inseridas nas novas perspectivas de se pensar o desenvolvimento sustentável (MOURA, 2016).

O agronegócio também se apresenta de forma expressiva na região do Jalapão. Apesar da região ser reconhecida pelos seus atrativos turísticos e pela exuberância da biodiversidade no cerrado, muito produtores rurais foram para a região em busca do solo adequado para o plantio de monoculturas, com destaque para a soja, o milho e, mais recentemente as florestas de eucalipto. Para os entrevistados é possível conciliar o agronegócio e a conservação da biodiversidade:

o produtor rural, ele não é contra o meio ambiente né, assim há raras exceções, mais no caso aqui do Jalapão a gente poderia, (...), ter alguns incentivos pra o produtor rural que margeia aqui as unidades de conservação, pra que ele pudesse ajudar ainda o poder público a manter as unidades de conservação preservada, com infraestrutura, porque assim, não tem como você trabalhar, a questão agrícola em grande escala ou pecuária em grande escala na unidade de conservação, isso é fato, mais no entorno, onde é possível você pode trazer essa galera toda pra parceria (Entrevistado Bandoleta).

Porque eles tão lá longe né e eles empregam muita gente e nós precisamos comer, o Brasil precisa de alimento né? Se não tiver? Porque lá ninguém, lá não Fervedouro, lá não tem cachoeira, lá não tem nada pra qui seja prejudicado né, pelo contrário, eles empregam, dão muito emprego pro pessoal aqui né, se envolve muito com o pessoal aqui, então tem gente que fala né, eu acho que enquanto estiver “cada um no seu quadrado”, não tem problema não né. (Entrevistado Soldadinho)

“se não fosse essas unidades de conservação, Mateiros já seria tomada pelo agronegócio, o que eu escuto né às vezes nessas andanças em relação ao agronegócio é que eles não exploraram ainda né, aquilo que deveria ser explorado,

entende? (...), agora o agronegócio ele é positivo pra Mateiros quando ele traz desenvolvimento responsável, volto dizer a palavra responsável né, pra região, porque é uma fonte de renda, de riqueza, de crescimento né, ou até espaço de trabalho também, é interessante que em relação ao agronegócio, do trabalho, (...) Porque tá encucado aquele etos da preguiça também né, às vezes né, de apanhar recursos e não querer mais trabalhar, não é assim, a dinâmica é totalmente diferente, mais o agronegócio, ele tem sua dimensão positiva quando ele respeita também os espaços né, ecológicos, quando ele quer de uma forma ajudar a comunidade à crescer, volto a dizer de forma responsável, não é que a gente tem que ser contra né, eu possivelmente me eduquei muito a entender o agronegócio a partir do momento que eu vim morar aqui, o contato com os fazendeiros né, porque uma coisa é aquilo que a mídia fala, outra coisa é aquilo que os movimentos sociais falam que tem sua verdade, mais outra coisa é você sentar com essa pessoa e escuta-la (...), muitas dessas pessoas vieram do nada e constituíram seu patrimônio com muito suor, com muito sofrimento e até hoje né, mas por outro lado a gente também não tem que é, deixar de fora o quanto a agronegócio ele é nocivo também quando ele não é visto a título de desenvolvimento humano, entende?”(Entrevistado Canindé).

Percebe-se pelos trechos apresentados que os entrevistados reconhecem a importância do agronegócio para a região e não vê oposição em relação as questões ambientais de conservação ambiental, ainda que um dos entrevistados destacou *se não fosse essas unidades de conservação, a região já teria sido tomada pelo agronegócio. De toda forma é possível inferir que os entrevistados não percebem o agronegócio como um risco eminente a população local.*

Dentre os muitos entraves percebidos durante os dias de pesquisa em Mateiros/TO, os aspectos relacionados a infraestrutura pode ser um dos principais problemas. O acesso as comunidades que estão nas unidades de conservação e no seu entorno é dificultoso por conto do solo arenoso, o que impossibilita o acesso por qualquer tipo de veículo. Além das estradas vicinais, o acesso principal a cidade de Mateiros também é preocupante:

“tipo uma região como essa né, riquíssima não se tem um asfalto, vem verbas né, que eu não sei se você já passou pela aqui, tem uns lugares que estão meio que asfaltados né, ou seja, a título de alimentar o desenvolvimento turístico que eu não sou contra, mais ele tem que ser ligado à dimensão social também (Entrevistado Canindé).

O asfalto é talvez o final do Jalapão, quando o asfalto chegar. Os nossos pontos turísticos, os nossos atrativos, eles são muito frágeis, o nosso solo é incrivelmente frágil, se você colocar uma mangueira ali, não precisa ter muita evasão de água, ali com 30 minutos você tem um buraco né, agora imagina você... Ônibus e ônibus de pessoas, com 30 pessoas passando no nosso atrativos, acaba! O asfalto é o fim do Jalapão! (Entrevistado Soldadinho).

Olha, tudo é difícil né! Tudo é muito difícil aqui! (...) Mais pra chegar um caminhão de comida aqui não é fácil né? O mercado, ele não pode vender o mesmo preço que o mercado vende em Palmas ou Ponte Alta, vamos falar de Ponte Alta já, porque lá é asfalto né, chega tudo bonitinho, aqui o caminhão numa viagem ele já tem que ir pra oficina né, quando vem... Eu tenho muito dó desses, né desse povo aí de mercado, tem uma ponte caindo aí que a qualquer momento alguém vai né, ou perder os bens matérias, perigo até a vida, tu acha que o prefeito tá preocupado? Nunca! Né, e é o desenvolvimento né... (...) Mais é, ouve um progresso, houve um progresso muito significativo nesses anos que a gente tá aqui, muito! Né... Nossa, lojas né pra comprar roupas, calçados, hoje tem loja bem boazinha aí né? E alimentação então nem se fala né, você pode não encontrar várias marcas, mais tem tudo que precisa, né, verdura, fruta, hoje nós já temos. Antigamente meu Deus! Né, quando que via uma maçã aqui né, hoje já tem. (Entrevistado Soldadinho).

Sobre o mercado local,

“É o que cresce mais em Mateiros é a dimensão hoteleira, aqui mesmo na frente da nossa casa já tem né, aqui já tem, tá construindo uma pousada né, e lá na frente já tem outra né, aí eu me pergunto: Quem é que vai trabalhar nesses espaços? Às vezes eu vejo, tem gente que vem de fora pra trabalhar aqui, enquanto o povo...” (Entrevistado Canindé).

“hoje se você for dar uma analisada nas casas, elas já estão se transformando em pousadas, os quintais estão se transformando em área de camping, então assim, tá despertando o empreendedorismo nas pessoas e elas tão conseguindo, é se desenvolver né e conseqüentemente desenvolver a região” (Entrevistado Bandoleta).

Sobre o saneamento,

“o turista praticamente passa e ele acaba ficando mais tempo aqui, que isso é bom também, só que conseqüentemente vem mais lixo, vem mais impacto cultural, social. Então assim, cada município tem a sua particularidade, então pra você trabalhar uma política regional, é você tem respeitar essas particularidades de cada município né, se você for dividir o Jalapão como um bolo e na aplicação de recursos, por exemplo, o município de Mateiros, por mérito deveria receber esses maiores investimentos” (Entrevistado Bandoleta).

“A prefeitura hoje não nos dá nem a coleta do lixo, ninguém aqui paga imposto (...), mais mesmo assim quem tira o lixo somos nós né, e o que mais hoje que eu vejo né, é a estrada, embora a estrada ela mantida né, mantida do jeito que ela é, mais pelo menos... Acho que faz mais de 6 anos que não passa uma patrôla. (Entrevistado Soldadinho).

Sobre saúde,

“Aqui não tem um hospital né, o pessoal chama de hospital um posto que só dá paliativos pra você, nós não temos um médico na nossa região, se for a título de desenvolvimento ecológico, tudo bem, mais é uma cidade turística, se for ver a título né, uma cidade turística não tem um médico residente, [...] Ou seja, podemos dizer assim, pra quem está sendo esse desenvolvimento? Entende? Né! Pra quem é? É pra população Mateirense, Jalapoeira? Ou é pra algumas pessoas?” (Entrevistado Canindé).

“Olha, nós temos também uma saúde muito precária né? Se a gente adoecer hoje não sei, se precisar da saúde de Mateiros hoje, não sei se sairia com vida não. Assim, uma coisa mais grave né, um enfarto, alguma coisa assim né, acho que... Muito difícil!” (Entrevistado Soldadinho).

Sobre a questão fundiária,

“A regularização fundiária, nós não temos documento de nada, de terra sabe? Eu tenho em cima de uma carta de compra e venda. Todo mundo da cidade é assim né, a gente tinha um cartorário que dificultou muito, muito, muito ai sabe né, essa regularização, agora eu vi falar, até o próprio cartorário, um outro senhor ai que tem o cartório aqui, ele tava me dizendo que parece que agora vai dar certo, porque meio centímetro que não der certo, cancela todo aquele mapa e tem que fazer tudo de novo né, ai isso dificulta né, os entrave, né, então, então aqui ninguém pode fazer um investimento né....” (Entrevistado Soldadinho).

4.2. Os dilemas da Cultura: “ninguém queria ser jalapoeiro, agora todo mundo quer”

O Jalapão tem conquistado espaço na mídia contemporânea em virtude do seu da sua localização geográfica, da falta de urbanização e por ser um rural com áreas ainda a serem exploradas. A visibilidade ocasionado por programas de TV como o *Survivor* (Programa norte-americano realizado em 2009), filmes e novelas brasileiras (Deus é brasileiro, Araguaia, O outro lado do paraíso – produtos comercializados pelo Grupo Globo), apresentou para várias partes do mundo onde esses produtos televisivos foram comercializados, algumas características do modo de vida dessa região, ainda que num sentido figurado ou apenas com imagens da paisagem.

O trecho apresentado a seguir demonstra conformidade com o pensamento de Hall (2005) acerca da formação de uma cultura com padrões universais, homogêneos e de símbolos e representações, que ao produzir sentidos com os quais podemos nos identificar, tornam-se produtoras de identidades. Ou seja, a realidade demonstradas nestas diferentes iniciativas criou uma certa homogeneização da

representação do que é o Jalapão e, ao mesmo tempo, se destoa da visão dos diferentes atores sociais que ali vivem.

“ às vezes as pessoas fazem vídeos, eu tava acompanhando nas redes sociais, vídeos do Jalapão, das regiões bonitas, tudo bem, tudo vendendo o Jalapão pra fora né, e poucas vezes a gente vê um vídeo que leve em conta as comunidades que estão mais distantes, que moram em casa de pau a pique, às vezes não tem nem cama nem nada, o pessoal dorme na rede né? E passa muita necessidade, fome, tem gente que passa fome aqui, mais não se mostra isso, mostra aquilo, o que é bonito” (Entrevistado Canindé).

Outra questão que chama atenção na região do Jalapão são as áreas protegidas Quilombolas, que no caso específico de Mateiros, estão situadas sobrepostas as unidades de conservação ambiental, inclusive com ativos ambientais na área do Parque Estadual do Jalapão, área de proteção integral. Apesar do conflito entre Estado e comunidades já normalizados, ainda existem entraves a serem solucionados, como a questão dos títulos de terra. Por outro lado, o artesanato com o capim dourado trouxe visibilidade para essa região e, conseqüentemente, para a valorização dessa cultura. Segundo um informante um exemplo são *“ as comunidades quilombolas que aqui no nosso município nós temos aí 6 comunidades quilombolas, reconhecida pela Fundação Palmares, então essas comunidades, elas tão sentindo uma influência, um impacto muito grande com o turismo”.* (Entrevistado Bandoleta).

Ainda sobre o artesanato, o entrevistado menciona que

enquanto a gente não conseguir inserir as comunidades tradicionais, a mão de obra local nessa cadeia produtiva, [o desenvolvimento] vai continuar sendo negativo no sentido de que é, o desenvolvimento ele só acontece com as pessoas de fora, é muito difícil você desenvolver uma região só com os nativos, mais se você não inseri-los, é, fica aquela competitividade né, desleal né até, porque quem tem que ser beneficiado eu acredito que são os residentes, que estão, que já sofreram a muito tempo nisso aqui, hoje é, eles precisam estar sendo inseridos pra usufruir de uma fatia significativa desse percentual de recurso que tão sendo aplicados aqui na região do Jalapão, entendeu? (Entrevistado Bandoleta).

Como pontuou Moura (2016) isso ocorre porque, as questões que envolvem o desenvolvimento passam por uma necessidade de integração de diversas variáveis territoriais (relação sociedade e natureza) e pressupõe a fusão entre a evolução das configurações sociais e a sua relação de interdependência com o meio ambiente, instituições e as estruturas sociais. Entender as relações ente os grupos é fundamental no debate contemporâneo de desenvolvimento. Assim, atores que ali residem convivem com os resíduos de processo macro e se encontram com desafios principais à ampliação das liberdades, como, renda, inserção no mercado, melhorias sociais, etc. Como bem ressalta Almeida (2007),

a sustentabilidade deve ser vista como uma ideia, um conceito em disputa, com limites ainda indefinidos e, sobretudo, com grandes conflitos de interesses.

Outro ponto bastante mencionado e observado durante o campo diz respeito ao indivíduo “ser jalapoeiro”. Para os moradores do município de Mateiros, todos que nasceram e cresceram ali são jalapoeiros e que, por muito tempo, foram estigmatizados como um povo isolado, do pé rachado e preguiçoso, como bem descreve um dos entrevistados

“Ah, o povo de Mateiros é um povo preguiçoso né? Eu acho totalmente equivocada essa expressão, não é que seja um povo preguiçoso né, é uma dinâmica cultural, o jeito do povo né, como eu posso ir pra Salvador e dizer que o povo é festeiro, mais nem todo o mundo é festeiro [...] Ah o povo tem que gostar de farinha né, de feijão, eu não gosto, vou deixar de ser nordestino [...], por outro lado pode ser sim um povo acostumado a sempre receber, porque essa política mantenedora foi sem pressa... de você dar e não fazer com que o povo pudesse buscar mais” (Entrevistado Canindé).

Através do discurso do entrevistado percebe-se um desconforto nesta representação vinda de fora do que seria um Jalapoeiro. Nota-se através de suas colocações que há um ponto de desencontro entre as diferentes representações criadas acerca destes atores sociais. O fragmento apresentado permite ainda fazer referência a necessidade de romper com este desenvolvimento visto como vindo de fora.

Além do aspecto midiático recente, a região possui um turismo rural que vem ganhando espaço. Segundo um dos entrevistados, *“não tem como você, é desenvolver a região do Jalapão, é sem pensar no ecoturismo, no... Nessa questão da sustentabilidade” (Entrevistado Soldadinho).*

Por outro lado, existem as afirmações de que o turismo aliado a questão ambiental tem deixado de lado temas sociais importantes, como esclareceu o entrevistado, *“o turismo ele não pode ser só visto a título econômico, de exposição da nossa região, se de alguma forma a população, ela não tá sendo beneficiada né? (risos)” (Entrevistado Bandoleta).* Para esse entrevistado

“o turismo (...) ele entra sem bater na porta. Então assim, vêm pessoas de todas as partes do mundo né, e isso querendo ou não influencia. Ah, não tô aqui querendo dizer que o turismo é ruim, pelo contrário, isso é muito bom né, é uma das fontes de renda daqui do município, é o que praticamente manda na economia, mais com ele também tem alguns impactos sociais e esses impactos sociais, ele entra com certeza na zona de risco. (Entrevistado Bandoleta).

5. Considerações Finais

A análise apontou que não há um reconhecimento pelos diversos atores que estão presentes na região do Jalapão sobre uma preocupação consigo mesmo, frente as transformações ambientais ocorridas

com a formação de um corredor ecológico e, conseqüentemente, do Mosaico do Jalapão. Nota-se, também, que há uma dificuldade em perceber o “lugar” Jalapão para além do aspecto ecológico, em que pessoas possam participar ativamente da tomada de decisão coletiva em prol de seus anseios e necessidades, buscando um desenvolvimento que seja de fato regional.

O município de Mateiros é um reflexo da realidade de outros municípios do Jalapão, principalmente no que se refere aos problemas de infraestrutura. No entanto, necessita-se de estudos mais aprofundados e que leve em consideração o aspecto da vulnerabilidade e os riscos existentes nessa região.

É perceptível nas falas dos entrevistados e dos vários residentes de Mateiros/TO que uma maior visibilidade é dada à parte ecológica em detrimento da parte social, e que, portanto, se necessitam estudos dando ênfase a parte social para que seja balanceado e equitativo aos fatores ecológicos e sociais, possibilitando a criação de políticas públicas orientadas para os anseios e a necessidade das pessoas.

6. Referências Bibliográficas

ALVES, Hátilla do Espírito Santo. *A percepção das comunidades extrativistas e artesanais do CE (Corredor Ecológico) Jalapão a sustentabilidade da exploração do capim dourado (syngonantus nitens)*. 2008. 190 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Ambiental) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2008.

ANTAR, G. M. *Florística e efeitos do regime de fogo no estrato herbáceo-subarbusivo no Jalapão, Tocantins, Brasil*. 2015. 89f. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas) – USP , São Paulo, 2015.

BELAS, C. A. *Indicações geográficas e salvaguarda do patrimônio cultural: artesanato de capim dourado Jalapão-Brasil*. 2012. Tese (Doutorado) Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2012.

BENVINDO, Rosângela Araujo Fernandes. *Análise comparativa dos instrumentos de regulamentação das políticas de proteção ambiental e de promoção do ecoturismo: o caso do Parque Estadual do Jalapão-TO*. 2009. 201 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)-Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

CARACRISTI, M. F. A. *Poder e legitimidade na disputa pelo Jalapão*. 2016. 254 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

CHACON, R.G. *Ochnaceae s.s. nos estados de Goiás e Tocantins, Brasil*. Dissertação de mestrado – Universidade de Brasília/Instituto de Biologia, Departamento de Botânica, Brasília: DF. 2011.

HALL, S. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A; 2005.

LINDOSO, Lilian de C.; PARENTE, T. Termo de Compromisso e Participação Social: Possibilidades para a Inovação Institucional na Conservação da Biodiversidade. *Biodiversidade Brasileira*, 4(1): 111-129, 2014.

MORAES, M. D. C. Ainda queremos ser... tão? (reflexões sobre identidade cultural e imaginário de sertão no Piauí). In: *Anais 25ª Reunião Brasileira de Antropologia*, 2006, Goiânia - 11 a 14 de junho - Goiânia, Goiás, Brasil - Saberes e práticas antropológicas - desafios para o século XXI. Goiânia: ABA/UCG/UFG, 2006.

SCHMIDT, Isabel Belloni. *Etnobotânica e ecologia populacional de Syngonanthus nitens: sempre viva utilizada para artesanato no Jalapão, Tocantins*. 2005. 91p. Dissertação (Mestrado em Ecologia) - Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2005.

SENNA, Mary Lúcia Gomes Silveira de. *Percepção e representação ambiental dos Guias/Condutores de Turismo e dos Turistas do Parque Estadual do Jalapão/TO*. Mary Lúcia Gomes Silveira de Senna. – Palmas, 2008. 115 f.

SILVA, Tomaz T. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

OSTROM, E. *El gobierno de los bienes comunes. La evolución de las instituciones de acción colectiva*. Trad. Leticia Merino Pérez. 2. Ed. México: FCE, UNAM, IIS, 2011.

VIANA, Rodney Haulien Oliveira. *Ecologia do Cerrado Arenícola do Jalapão, Estado de Tocantins*. 2015. 82f. Tese (Doutorado em Botânica) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2015.

VIANA, Rebeca Verônica R. *Diálogos possíveis entre saberes científicos e locais associados ao capim-dourado e ao buriti na região do Jalapão, TO*. 2013. Dissertação (Mestrado em Botânica) - Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/D.41.2013.tde-31072013-082820. Acesso em: 2018-12-02.

WATANABE, Mauricio Takashi Coutinho. *Análise morfométrica e variabilidade morfológica em populações de Syngonanthus nitens (Bong.) Ruhland (Eriocaulaceae)*. 2009. Dissertação (Mestrado em Botânica) - Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. doi:10.11606/D.41.2009.tde-08122009-151922. Acesso em: 2018-12-02.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.